

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Setor Litoral

LILIANE VIEIRA DA COSTA SOARES

**O CAMINHAR NAS TRILHAS DA ANE3: PERCURSO COLETIVO E INDIVIDUAL
EM BUSCA DE ALTERNATIVAS PARA UMA NOVA EDUCAÇÃO**

Matinhos
2022

O caminhar nas trilhas da ANE3: percurso coletivo e individual em busca de alternativas para uma nova educação

Liliane Vieira da Costa Soares

Grupo de Mediação: Francéli Brizolla e Solange Triunfo Kehl

Mediadora: Samyra De Lourdes Stephan

RESUMO

O presente artigo visa apresentar minha jornada pessoal junto à jornada coletiva do curso de pós-graduação em nível de extensão, ANE3 (Alternativas para uma Nova Educação) em sua terceira edição, promovido pela Universidade Federal do Paraná Litoral, Campus Matinhos/PR, realizado entre os anos de 2021 e 2022. Através de encontros online via plataforma Zoom, transmissões via Youtube e encontro presencial que culminou na 5ª CONANE Caiçara nos dias 23, 24 e 25 de junho de 2022.

Relato minha jornada particular como professora de Arte, atuando como Professora Orientadora da Sala de Leitura na Secretaria Municipal de Educação (SME) de São Paulo, na EMEF Deputado Januário Mantelli Neto. Reflito sobre meu fazer através das vivências proporcionadas pela ANE3, minha prática em sala de aula, documentos oficiais da SME e a bagagens dos estudantes e da comunidade escolar. Repertório esses saberes durante a trajetória do fazer educativo e projeto novas perspectivas em cima do que já foi trilhado.

Palavras-chave: ANE3. Nova Educação. Trajetória. CONANE. Autonomia. Conhecimento. Autoria.

ABSTRACT

This article aims to present my personal journey along with the collective journey of the extension level postgraduate course, ANE3 (Alternatives for a New Education) in its third edition, promoted by the Federal University of Paraná Litoral, Campus Matinhos/PR, between the years 2021 and 2022. Through online meetings via the Zoom platform, broadcasts via Youtube and a face-to-face meeting that culminated in the 5th CONANE Caiçara on June 23, 24 and 25, 2022.

I report my journey as an art teacher, working as a teacher in the Reading Room at the São Paulo Municipal Department of Education (SME), at EMEF Deputy Januário Mantelli Neto. I reflect on my work through the experiences provided by ANE3, my practice in the classroom, official documents from the SME and the luggage of students and the school community. I repertoire this knowledge during the trajectory of educational practice and project new perspectives on top of what has already been trodden.

Keywords: ANE3. New Education. Journey. CONANE. Autonomy. Knowledge. Authorship. Tradução das palavras-chave.

Introdução

O curso de pós-graduação ANE3 da UFPR Litoral surge como uma busca por novas respostas e caminhos que também se renovam dentro dos campos da educação, seja ela formal ou não formal. Os desafios presentes no fazer educativo e as possibilidades de caminhar entre esses mundos, vivências, saberes e habilidades. O repensar da prática e também da teoria no ser sujeito educador, na dialética da comunidade escolar e do educando. Em busca de novas proposições e provocações no meu fazer diário, a inscrição ao curso foi o pontapé inicial para uma jornada desafiadora em meio à pandemia de COVID19, incertezas políticas e a dissolução de uma até então realidade ainda concreta e palpável. O projeto inicial apresentado para o curso caiu por terra, junto com a ideia da certeza do amanhã. Mas afinal, o que era certo e o que era incerto? Tudo e nada.

As formações iniciais vieram como um acalanto para a realidade assustadora da dissolução de “tudo que era sólido”¹. Depois, as formações online começaram a se tornar custosas, a interação mediada por uma tela já não bastava. Tudo soava como distante demais, artificial demais, quase como os documentos burocráticos que se criados sem participação comunitária ou por pessoas que vivenciam a realidade das comunidades escolares ficam: frases sem sentido, palavras ditas e perdidas no eco indistinguível do que soaram um dia. Enfim, o alívio da CONANE. Pessoas reais que dialogavam conosco, sendo sentidas, ouvidas e tocadas! Aqueles seres humanos eram reais e de pele e osso! E que humanos! Quanta humanidade!

O encontro de diferentes realidades e tentativas de caminhar por entre tantas trilhas possíveis mas com um objetivo em comum: Alternativas para uma Nova Educação. Uma busca de sentido, de sentir; assim como quem trilha em meio à natureza, sentir todo o seu contexto. Observar ao redor, aos sons, às vozes que ecoam, ao vento e para qual direção ele sopra. O que sugerem as pedras no caminho, os animais, os outros seres que encontramos? O que sugerem os educandos em suas manifestações? O que sugerem os educadores? O que sugere a comunidade ao qual a escola está inserida? O que sugere a humanidade ainda possível em cenários adversários à prática educativa humanizada e humanizadora? Através dessas reflexões e das provocações cotidianas que o ANE3 veio como um guia na trilha de uma Nova Educação.

1. E agora?

José de Carlos Drummond de Andrade

“E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?”

Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio,
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,
e agora, José?”

(...)

Sozinho no escuro
qual bicho-do-mato,
sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja a galope,
você marcha, José!
José, para onde?”

(ANDRADE, Carlos Drummond de. **JOSÉ**, São Paulo: Companhia das Letras, 2016)

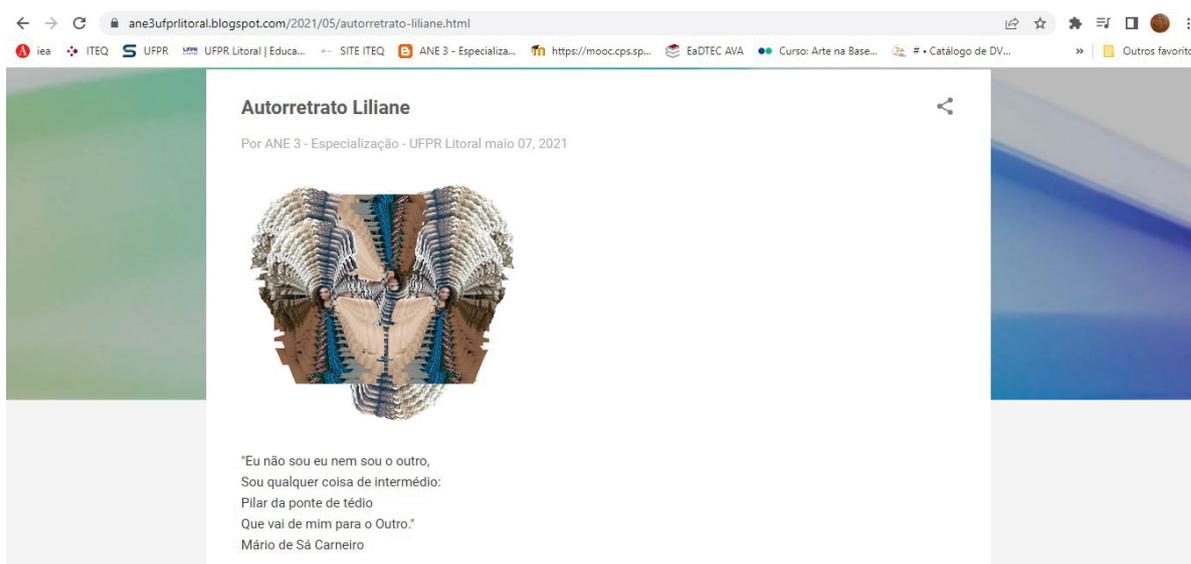
O poema acima retrata bem o sentimento vivido por mim logo no início dos encontros da ANE3, após a fase de deslumbramento e a vinda do cansaço de telas mediando os encontros durante a pandemia de COVID19. Todos os encontros e formações que assisti nesse período e também as que ministrei se deram por meio do uso de aparelhos como computadores e *smartphones*. Ver, ouvir, apresentar conteúdos e tentar proporcionar discussões com os educandos estava se tornando cada vez mais cansativo e difícil. A escola em que atuo, a Escola Municipal de

Ensino Fundamental Deputado Januário Mantelli Neto, fica localizada na periferia da cidade de São Paulo, na Zona Leste, em um bairro chamado Parque Cisneros.

No início da pandemia da COVID19 e com a quarentena instaurada por lei, minhas aulas passaram a ser realizadas via plataforma Google Meet e Google Classroom. As distâncias entre conteúdo/ aluno se ampliaram para o distanciamento presencial. A falta de acesso era grande. A diferença social em meio à crise econômica, à pandemia, defasagem tecnológica e às amarras do sistema capitalista se fizeram ainda mais alargadas. As aulas eram vazias de alunos e esvaziadas de sentido. O que ensinar quando não se tem quem aprender? O que fazer em um momento em que a sobrevivência era mais urgente do que conhecimentos escolares? Mas isto era uma situação de agora ou antes sempre existiu e eu não havia percebido? E agora? Neste cenário caótico, entrei em greve em um esforço pessoal e coletivo de buscar soluções das autoridades governamentais quanto à falta de acesso e ausência de equipamento tecnológico para os estudantes e rede de internet. No início da greve, apelidada depois de greve sanitária, tive alguns colegas de trabalho que se retiraram da luta por não acreditarem nas pautas e das tratativas entre sindicatos e representantes da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. A greve seguiu e me vi como a única professora da minha unidade escolar a permanecer em greve enquanto não houvessem resoluções sobre a situação dos estudantes e data de vacinação a todos os funcionários. O cansaço era grande e havia muito o que ser feito.

A ANE3 serviu novamente como base de fortalecimento como operária da educação. Nos encontros me encontrava e me encontrava com os meus: profissionais da educação preocupados em buscar alternativas em meio ao caos ou em meio à letargia. Segui. Seguimos.

O pensar e o fazer sobre quem eu era/ sou como professora de Arte, como professora orientadora da Sala de Leitura, como educadora da rede pública municipal da periferia cidade de São Paulo, como cidadã crítica e participativa se incentivaram nesse período. Uma atividade proposta em um encontro virtual da ANE3 retrata bem o momento pelo qual passava como indivíduo. A proposta era realizar um autorretrato e depois postar no Blog do curso:



Fonte: <https://ane3ufprlitoral.blogspot.com/2021/05/autorretrato-liliane.html>

E a pergunta continuava: E agora?

Ao retornar ao final da greve para minha escola, vi um ambiente totalmente diferente do que existia antes do início da pandemia. Mudamos. Não éramos mais os mesmos sujeitos de antes, nem nossa comunidade escolar. O diálogo agora estava recortado pelos posicionamentos adotados em frente aos confrontos travados durante a greve. Nosso grupo de educadores parecia agora tracionar um silêncio que denunciava nossas escolhas. Os docentes não se comunicavam e as práticas educativas se tornaram práticas individuais e individualizantes. A escola estava novamente reproduzindo uma lógica competitiva e solitária.

2. A busca individual e solitária

Na trajetória em busca de alternativas para uma Nova Educação seguia agora me sentindo mais solitária na minha prática nas aulas da Sala de Leitura. Com o retorno presencial, o planejamento veio à tona no sentido de recuperar o tempo perdido e estudantes perdidos, mas todos estávamos perdidos nesse novo contexto de retorno pandêmico. As exigências da vigilância sanitária e da saúde continuavam, não éramos, de fato, os mesmos.

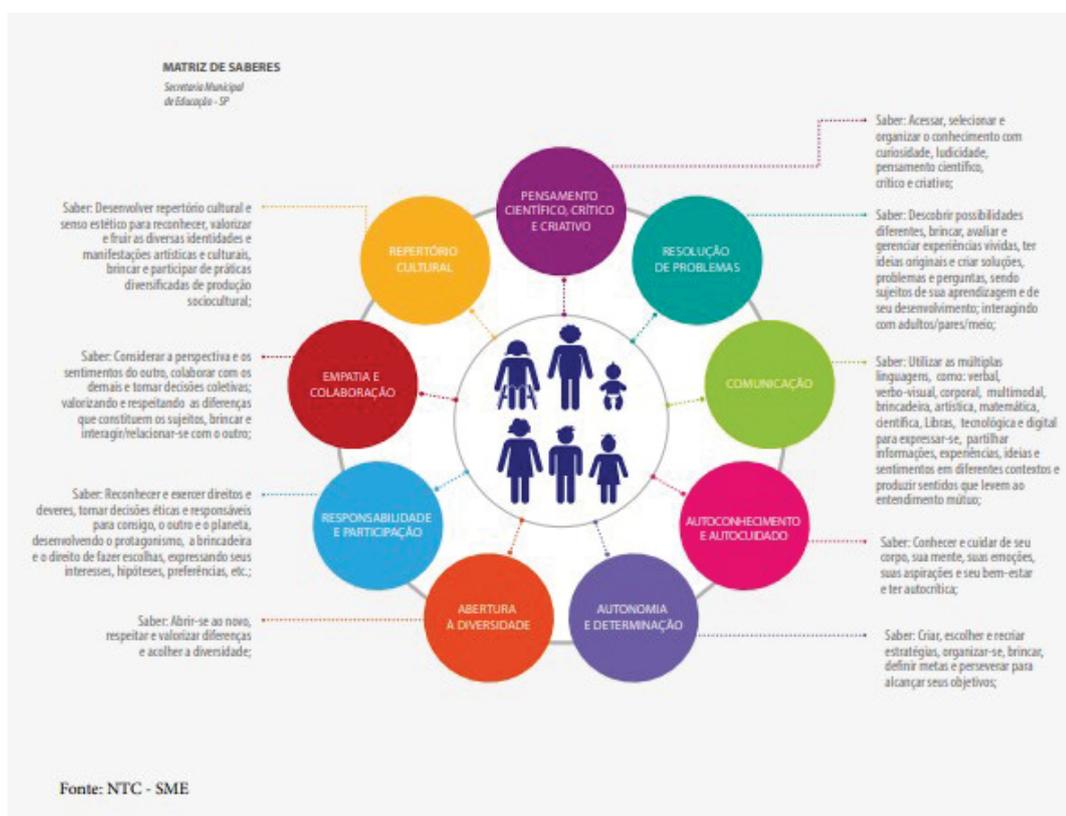
Como replanejamento individual das minhas aulas, resolvi partir dos documentos que servem de base às práticas na Sala de Leitura e na docência no município de São Paulo. Nesta etapa, precisei me apoderar do Currículo da Cidade, das Orientações Didáticas do Currículo da Cidade e da publicação específica do

projeto da Sala de Leitura da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. Todas as publicações se encontram disponíveis em formato PDF no site da SME: <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Main/Page/PortalSMESP/Publicacoes-Institucionais>. Posteriormente, tive também acesso ao Projeto Político Pedagógico (PPP) da unidade escolar em que atuo com um pouco mais de dificuldade e assim, um documento que deveria ser de grande importância para o fazer escolar, tornou-se mais um punhado de palavras sem sentido e apenas comprometido com a burocracia.

A leitura e análise dos documentos acima citados, os encontros da ANE3 e as reflexões acerca do cotidiano escolar me ajudaram a seguir e formular novas hipóteses e atuações em busca de alternativas. Revisitei também alguns projetos que haviam sido discutidos em reuniões pedagógicas mas que acabaram não sendo colocados em prática com o início da quarentena.

2.1 Currículo da Cidade de São Paulo

O Currículo da Cidade de São Paulo é um documento de 2018 construído coletivamente com profissionais da Rede em diálogo com a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) e com a Agenda 2030 da ONU (Organização das Nações Unidas). O documento propõe uma Matriz de Saberes que dialoga com as Áreas de Conhecimento do Ensino Fundamental como ilustrada no diagrama abaixo:





Fonte:

<https://www.comciencia.br/o-que-e-agenda-2030-das-nacoes-unidas-e-quais-sao-os-objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel/>

O Currículo da Cidade busca um entendimento holístico do ser educando a partir de sua complexidade e diferentes camadas constituintes do sujeito. Através de proposições que interconectam as especificidades do educando e a contemporaneidade da comunidade a qual ele pertence e a qual queremos construir como comunidade global e as habilidades necessárias para tal.

2.2 Orientações Didáticas do Currículo da Cidade

A publicação Orientações Didáticas do Currículo da Cidade Projeto de Apoio Pedagógico: recuperação de aprendizagens apresenta subsídio para a ação do PAP (Projeto de Apoio Pedagógico), antes nomeado Recuperação Paralela, que na minha unidade escolar é desenvolvido por outro profissional, mas aqui serviu de base para a reestruturação do meu planejamento com o retorno às aulas presenciais.

2.3 Sala de leitura: vivências, saberes e práticas

O projeto Sala de Leitura completa 50 anos de existência neste ano dentro da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. Apesar do êxito do projeto dentro da SME e de sua execução propiciar a criação do Programa Salas e Espaços de

Leitura, não existe um documento específico do Currículo da Cidade que contemple somente essa disciplina. Na maioria das vezes que se busca embasamento teórico para o fazer na Sala de Leitura, se buscam os documentos do Currículo da Cidade de Língua Portuguesa e de Arte. Sou formada em Artes Visuais, prefiro o entendimento de Paulo Freire sobre Leitura do Mundo do que o foco apenas em uma linguagem. O Currículo da Cidade também compreende a leitura como algo muito além do mundo das letras: concepção da leitura como um ato que não se esgota na palavra escrita, mas que antecipa e se alonga na compreensão do mundo (FREIRE, 1984). E no entendimento de sua importância social e bem humanizador, cujo poder está em dar forma aos sentimentos e à visão de mundo, organizando-nos internamente e sendo um fator imprescindível de equilíbrio psíquico e de equilíbrio social (CANDIDO, 2004). A publicação de 2020 apresenta as definições das atribuições aos Professores Orientadores de Sala de Leitura (POSL), conceitos teóricos e proposições de atividades.

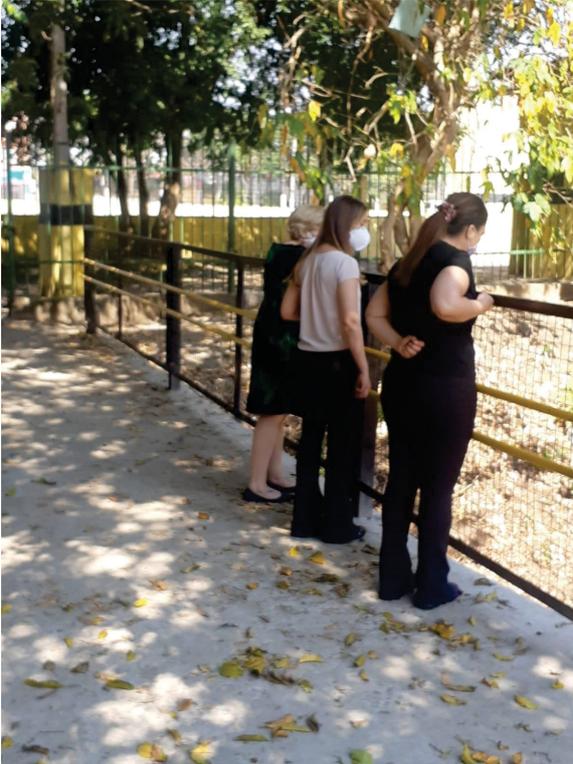
A partir da leitura desses documentos e com meu repertório previamente coletado ao longo dos anos nas formações promovidas pela SME, Diretoria de Ensino, por meu percurso dentro da academia e com conhecimento prévio da unidade escolar, faltava agora conhecer mais da realidade dos educandos e da comunidade escolar.

3. A busca coletiva e solidária

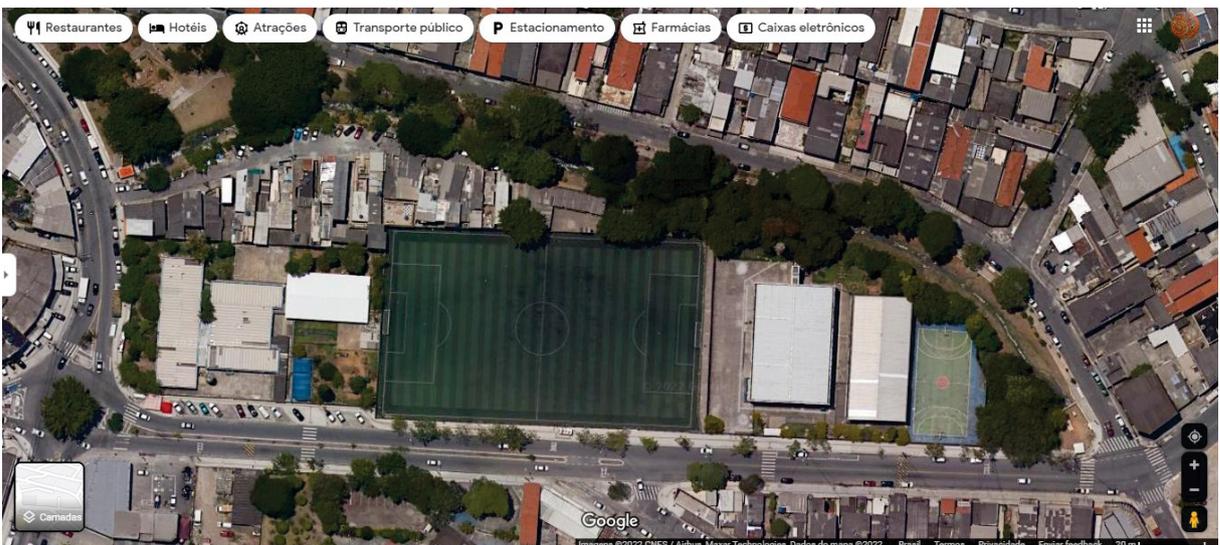
No segundo semestre de 2021 me inscrevi em um curso de pós-graduação em formato EAD em Gestão de Projetos promovido pelo Centro Paulo Souza, do Governo do Estado de São Paulo. No início da formação era necessário escolher um projeto para implementar as etapas dentro das aulas e por fim, executá-lo. No dia a dia da escola, em uma conversa corriqueira com outras professoras parceiras tinha surgido a ideia de se trabalhar mais com os parceiros da região da escola. A escola era muito fechada em relação à comunidade em que está inserida, a gestão na ocasião era adversa a abertura por conta de preconceitos e pressupostos contrários à uma educação que busca alcançar uma educação democrática, atual e crítica.

O projeto inicial era um olhar mais atento ao córrego vizinho da escola. Um córrego a céu aberto que de tempos em tempos fica cheio de lixo despejado pela comunidade que vive próxima da região. Em conversa com as professoras interessadas, Maria Cláudia Campoy, professora do Componente Curricular Arte e

Michele Aparecida, professora do Componente Curricular Ciências, iniciamos a criação do projeto “Córrego Barra de Santa Bárbara”.



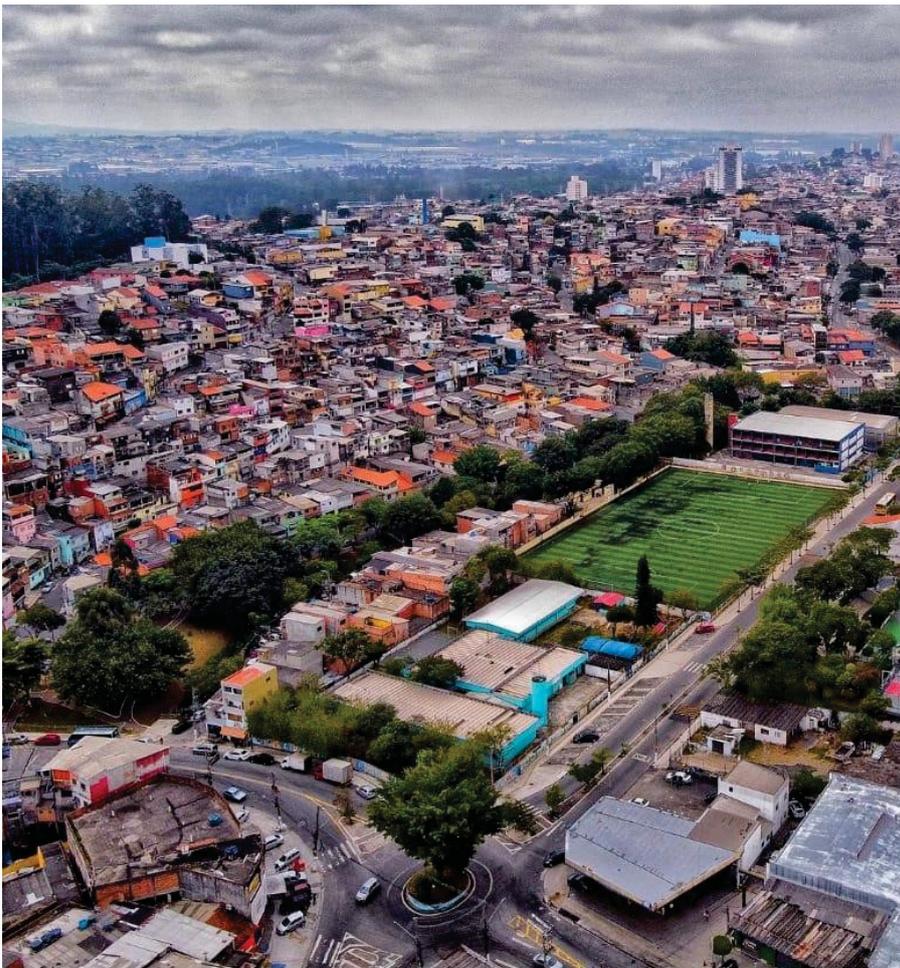
Primeira volta ao entorno da escola. Fonte: Arquivo pessoal.



Vista por satélite da região onde a EMEF Deputado Januário Mantelli Neto está localizada. Fonte: Google Maps.



Vista por satélite da região onde a EMEF Deputado Januário Mantelli Neto está localizada com espaços demarcados. Em azul o caminho do Córrego Barra de Santa Bárbara, em amarelo o terreno da escola e ao lado o campo de futebol de várzea dos XI Garotos. Fonte: Google Maps.



Vista de drone da localização da EMEF Deputado Januário Mantelli Neto e arredores. Fonte: Instagram user: @db_drone

Depois da saída e discussão entre as professoras, concluímos que era necessário buscar parcerias e convidar a comunidade para uma participação ativa dentro e fora dos muros da escola.

3.1 Projeto Rios e Ruas

A partida inicial em relação ao projeto Córrego Barra de Santa Bárbara foi procurar por parcerias da área. Há um tempo atrás tinha participado no SESC Santana de uma visita e apresentação do Projeto Rios e Ruas e me lembrei do trabalho que realizavam de resgatar a história e trajetos dos rios nas ruas da cidade de São Paulo. O contato foi respondido por Luiz de Campos, um dos idealizadores do projeto, que através de conversa virtual via Whatsapp me apresentou os documentos dos planos urbanos e mapas de construções da cidade de São Paulo e do bairro em que a escola fica. A partir dessa conversa, Luiz me passou o contato do agente de Meio Ambiente da UBS Humberto Cerruti, que curiosamente, também é a UBS responsável por atender a comunidade escolar.

3.2 Agente de Meio Ambiente da UBS Humberto Cerruti

O contato passado por Luiz do projeto Rios e Ruas era do agente de Meio Ambiente da UBS Humberto Cerruti, Diego. Foi marcada uma conversa e Diego nos contou que já havia tentado contato com nossa unidade escolar para desenvolver projetos e atividades voltados ao Meio Ambiente. Nessa conversa, demos mais uma volta no quarteirão da escola e Diego nos apontou alguns detalhes, como o despejo de esgoto, a história de haver a nascente ainda ativa próxima na região. Diego contou um pouco da história do bairro, parte da fábrica da família Matarazzo, o terreno já abrigou uma lagoa que despeja dejetos da fábrica de vidro. A lagoa foi aterrada e deu origem ao campo de futebol de várzea dos XI Garotos, ao terreno de nossa escola e da EMEI vizinha. O mesmo terreno que outrora fez parte da fábrica de vidro, foi no passado terra indígena, mas essa parte da história ainda vai ficar para um próximo projeto.

3.3 Atividades de revitalização do Córrego Barra de Santa Bárbara e Sustentabilidade

Com as parcerias entre professoras e o agente de Meio Ambiente, Diego, apresentamos um projeto para a gestão escolar que aprovou e iniciamos as

atividades nas aulas de Ciências, Arte e aos sábados durante as reposições de aulas do período da greve sanitária em decorrência da pandemia da COVID19. A parceria se estendeu entre caminhadas, coletas de amostras, registros fotográficos, documentação escrita, estudo da história do bairro, plantio de mudas da Mata Atlântica, coleta de lixo e produção de intervenções para chamar a atenção da comunidade sobre o cuidado com o espaço.



Registros de atividades realizadas em parceria com UBS Humberto Cerruti e Agente de Meio Ambiente Diego. Fonte: Acervo pessoal.



Registros de atividades realizadas em parceria com UBS Humberto Cerruti e Agente de Meio Ambiente Diego. Fonte: Acervo pessoal.

4. Não estamos mais sós no caminho

A parceria com a Unidade Básica de Saúde Humberto Cerruti frutificou novas parcerias. Um mapeamento das atividades próximas da localização da unidade escolar foi realizado em parceria entre as professoras colaboradoras do projeto do Córrego Barra de Santa Bárbara. Do mapeamento foi levantada a iniciativa da Ocupação Cultural Mateus Santos e a Arena CDC Areão Vila Cisper, ou XI Garotos como é comumente chamado.

4.1 Ocupação Cultural Mateus Santos

O nome do lugar e projeto já denunciam a resistência para ter um espaço no bairro de Ermelino Matarazzo, bairro vizinho da EMEF Deputado Januário Mantelli Neto. A ocupação é fruto de muito trabalho do Coletivo Cultural de Ermelino Matarazzo que desde 2016 ocupa um prédio desocupado da Prefeitura de São Paulo. As atividades e manutenção do espaço são mantidas de forma coletiva e colaborativa. Nossa experiência com esse espaço e com os coletivos que lá produzem atividades culturais começou com a visita à uma exposição fotográfica junto dos estudantes dos 9º anos. O percurso foi feito a pé e além de apreciarmos a exposição, conhecemos o espaço e as atividades que promove.

A parceria se mantém e em 2022 participamos do lançamento de livro do slammer premiado internacionalmente Emerson Alcalde e mostras de filmes e documentários.



Visita ao lançamento do livro *Nos corre da poesia* de Emerson Alcalde na Ocupação Cultural Mateus Santos. Fonte: Arquivo pessoal.



Mostra Audiovisual na Ocupação Cultural Mateus Santos. Fonte: Arquivo pessoal.

4.2 Arena CDC Areão Vila Cisper ou XI Garotos

A ida ao campo e conversa com os gestores do XI Garotos ainda apresenta certa resistência por parte da gestão. Recentemente houve uma mudança na gestão da escola e para o segundo semestre deste ano o foco das parcerias é nosso vizinho, tão perto e tão longe, XI Garotos.

5. 5ª CONANE Caiçara e o caminho se faz caminhando!

Nos grupos dos Apps Whatsapp e Telegram não se falava outra coisa: CONANE! Finalmente iria encontrar pessoalmente os rostos que só via nas telinhas e ouvia com quedas de sinais e interferências sonoras. Não sabia ao certo como iria chegar no Campus da UFPR Litoral em Matinhos, mas sabia que chegaria. Procurei minha amiga Mirella e seu companheiro Tuwile, meus amigos pessoais de São Paulo e também inscritos na ANE3 e fomos de carro rumo ao litoral paranaense. Nos dias 23, 24 e 25 de junho de 2022 aconteceu a 5ª CONANE Caiçara.



Entrada do Campus UFPR LITORAL em Matinhos durante a 5ª CONANE CAIÇARA. Fonte: Arquivo pessoal.



Auditório da UFPR LITORAL durante a 5ª CONANE CAIÇARA. Fonte: Arquivo pessoal.

Eu, Mirella, Tuwile e a diretora Sandra da EMEF Professor Enzo Antonio Silvestrin, o professor Miguel da mesma escola e a supervisora escolar Marcia da DRE Pirituba fomos em um carro alugado e ficamos alojada na casa de um professor juntamente com mais duas alunas da ANE3, Silvia e Mariana. Foram 3 dias de vivências, partilhas e descobertas. Mirella ofereceu uma oficina de bonecas Abayomi e Tuwile realizou parte da pintura do mural do Campus Matinhos da UFPR Litoral.



Registros das oficinas de boneca Abayomi realizada por Mirella e pintura no mural do Campus Matinhos da UFPR LITORAL por Tuwile. Fonte: Arquivo pessoal.

No último dia de CONANE participamos da festa junina e encerramento no sítio do Profº Drº Valdo Cavallet onde novamente conseguimos ter trocas e ideias mas agora fora do ambiente acadêmico que em alguns momentos pode ser um engessador dos relacionamentos.



Festa junina e encerramento da 5ª CONANE CAIÇARA. Fonte: Arquivo pessoal.

E um até logo para Matinhos/PR! E uma pausa para a retomada da caminhada em busca de alternativas para uma Nova Educação! Seguimos! O caminhar se faz caminhando. Caminhando agora com novas parcerias e de braços abertos para próximas colaborações entre amigos, vizinhos, comunidades, cidades, países!



Meu registro na praia de Matinhos/PR. Fonte: Acervo pessoal.

Considerações Finais

A ANE3 foi o mapa que se fez necessário para minha jornada como professora e como indivíduo. Os encontros online e a 5ª CONANE CAIÇARA foram de suma importância na minha trajetória em busca de alternativas para uma nova educação. O acolhimento, a troca de vivências, as experiências que tiveram êxito e as frustrações compartilhadas no caminho de quem decide trilhar atrás de educação de qualidade que respeita as subjetividades, singularidades e a democracia. O caminho exige cuidado, olhar atento, escuta ativa e humanidade.

Sinto que diante das experiências que ANE3 me proporcionou e me proporcionará nas ações e encontros próximos, consigo recuperar o fôlego e descansar a vista, levantar, arregaçar as mangas e partir para a ação com a energia necessária nesse trilhar. Pedras no caminho sempre hão de ter, mas que eu nunca me esqueça que no meio do caminho tinha uma pedra, que minhas retinas fatigadas se lembre das pedras, seus formatos e suas cores. Que eu pule, desvie, peça ajuda; mas que antes de tudo eu admire que “no meio do caminho tinha uma pedra. Tinha uma pedra no meio do caminho”.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. **José**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. 9ª edição. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CRISTÓVÃO, Marcio Cesar. **Um professor que se transformou em educador: relatos do despertar de um educador frente a transformação às alternativas de uma nova educação - (ANE)**. UFPR, Matinhos, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 31 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da cidade : Ensino Fundamental : componente curricular : Arte**. – 2.ed. – São Paulo : SME / COPED, 2019.

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da cidade : Ensino Fundamental : componente curricular : Língua Portuguesa**. – 2.ed. – São Paulo : SME / COPED, 2019.

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. Divisão de Ensino Fundamental e Médio. **Direitos de aprendizagem nos ciclos interdisciplinar e autoral**. – São Paulo : SME / COPED, 2016. – (Coleção Componentes Curriculares em Diálogos Interdisciplinares a Caminho da Autoria)

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Diretrizes de aprendizagem dos objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS) no currículo da cidade de São Paulo**. – São Paulo : SME / COPED, 2020.

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Sala de leitura: vivências, saberes e práticas**. - São Paulo: SME/ COPED, 2020.

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Orientações didáticas do Currículo da Cidade**: Projeto de Apoio Pedagógico: recuperação de aprendizagens- São Paulo: SME/COPED , 2019.

Rios e Ruas. Disponível em: <<http://www.mostrarioseruas.com.br/index.php>>. Acesso em 6 de julho de 2022.